



GOMES, Renato Cordeiro. JOÃO DO RIO: VIELAS DO VÍCIO, RUAS DA GRAÇA. RIO DE JANEIRO : RELUMEDUMARÁ : PREFEITURA, 1996. (PERFIS DO RIO; N. 13), 134P.




Resenha por
Edmundo Bouças
Doutor em Letras
Faculdade de Letras/CNPq/UFRJ.

Em Nota Prévia, Renato Cordeiro Gomes esclarece que não pretende apresentar uma biografia no sentido clássico da palavra, mas promover a construção discursiva de um possível perfil de João do Rio, montado a partir de recortes, fragmentos e *closes*. Por meio dessa estratégia, oferecemos um ensaio que garante uma revisão crítica da cronologia e da obra do cronista carioca, tendo por base uma reflexão acerca das relações entre escrita e representação da cidade.

Apontado como uma das principais referências da *Belle Époque* literária brasileira, João do Rio concretizou nas circulações do texto a leitura dos signos da cidade. Nas palavras do ensaísta, o autor de *As religiões do Rio* forjou no nome o nome da cidade, falou (com) a cidade, em nome da cidade, confirmando os compromissos dessa imbricação nos recursos com que teatralizou a farsa imposta ao Rio de Janeiro pela

reforma que pretendia apresentar para o resto do mundo a capital moderna de um país civilizado.

Através de um recorte teórico habilidoso, Renato Cordeiro Gomes problematiza o contexto político a partir do qual a fachada modernizante perseguida pela “picareta regeneradora” teve como ponto alto a inauguração da Avenida Central, “um boulevard nos trópicos” capaz de emblematizar o palco para encenação da ordem e do progresso pelos donos da República. Tematizando as montagens dessa cenografia, a prática escritural de João do Rio formata imagens que - ao confrontarem os lugares da “cena” e da “obscena” - traduzem os enredos de uma capital partida entre a vitrine e o escombro, exibindo, de um lado, as cintilações salonescas do triunfalismo republicano e, de outro, os espaços periféricos de uma cidadania proscrita. Rubrica dupla que permitiria ao escritor alterar



nar os registros do repórter andarilho, que perambula pelas vielas do vício, com os do cronista mundano, que passeia pelas ruas da graça.

Ao expandir sinais articulados por Antonio Cândido, Renato Cordeiro Gomes aprofunda a interpretação do comportamento ambíguo com o qual João do Rio empreende as manobras de um focomvente que conjuga as figurações do "cronista adandinado" às dicções do "radical de ocasião". As rotas desse entrecho permitem ao ensaio mostrar como as poses do *dandy* tropical fizeram-se cúmplices das deambulações do *flâneur* ao gosto aristocratizante dos decadentistas. À maneira de seus modelos Oscar Wilde e Jean Lorrain, as narrativas de João do Rio promovem expedições que - em visita ao submundo carioca - apreendem um roteiro protagonizado por operários e tatuadores, fumadores de ópio e coristas, prostitutas e criminosos, uma cartografia liminar que estimula o cronista a eleger a sátira e o humor ácido como armas para lançar dúvida sobre a euforia do progresso, colocar sob suspeita os contornos da cidade utópica.

Atento às novas solicitações feitas à escrita pelo jornalismo, João do Rio reduplicou as máscaras que apontavam para o contorno teatral de instalação da Modernidade; marcações que Renato Cordeiro Gomes sabe recortar no curso de um livro que dosa rigor de pesquisa e aprofundamento crítico, contribuindo significativamente para o estudo das relações entre literatura e experiência urbana no Brasil.